



LINGUAGEM E SISTEMA EAD-UNITINS: CONCEPÇÕES E APROXIMAÇÕES

LANGUAGE AND SYSTEM EAD-UNITINS: CONCEPTS AND APPROACHES

Eli Pereira da Silva
 Geraldo Gomes da Silva
 Karylleila dos Santos Andrade
 Kyldes Batista Vicente
 Maria Lourdes F. G. Aires

RESUMO: Este texto tem como proposta apresentar as concepções de linguagem, discutidas pela linguística da enunciação, e sugerir a mais adequada à produção do material impresso do Sistema EaD-UNITINS. O ponto de partida é a percepção de que, quando os sujeitos interagem pela linguagem, têm objetivos e fins a serem atingidos: relações que desejam estabelecer, efeitos que pretendem causar e comportamentos que esperam desencadear, ou seja, pretendem atuar um sobre o outro, de maneira a obter determinadas reações.

Palavras-chave: Linguagem, interação, material impresso, sistema EaD-UNITINS.

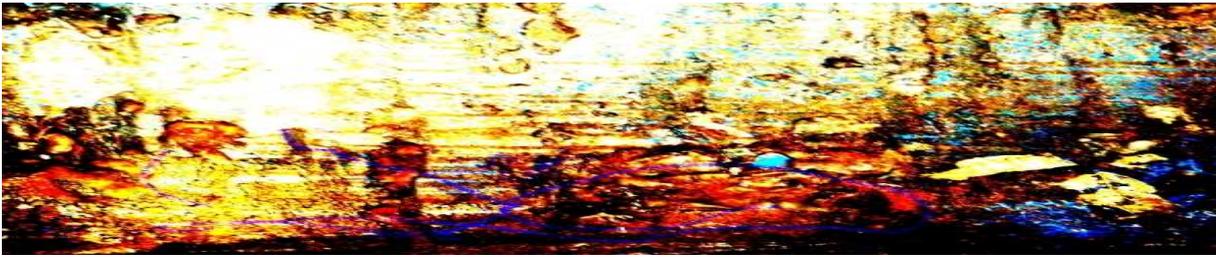
ABSTRACT: This text proposes to show the language theories of the utterance linguistics, and to suggest the more adequate one to the written material of the Distance Learning System/UNITINS. The basic idea is that the perception when the participants interact using language has got aims and purposes to get: relationships they want, effects to cause, and behaviours for triggering. The participant intends to act over the other one to provide reactions.

Keywords: Language, interaction, printed material, Distance Learning System-UNITINS

1 – Concepções de linguagem

A linguagem humana, ao longo da história, tem sido concebida de maneiras bastante diversas, que podem ser resumidas em três abordagens principais: como representação do mundo e do pensamento; como instrumento de comunicação e como forma de ação ou interação. Para que possamos compreender a natureza de cada uma delas e aprofundar estudos sobre a concepção de linguagem como interação social, convidamos Koch, Fávero, Bakhtin e Vygotsky.

Eli Pereira da Silva
 Geraldo Gomes da Silva
 Karylleila dos Santos Andrade
 Kyldes Batista Vicente
 Maria Lourdes F. G. Aires



A linguagem como representação do mundo, segundo Koch (2004), e do pensamento nasce no interior da mente e sua exteriorização é apenas uma tradução daquilo que a mente construiu. O discurso, nesse caso, é um ato monológico, individual, não afetado pelo outro nem pelo contexto situacional que constituem a situação social em que ele acontece. Ou seja: a maneira como se diz algo não depende do sujeito para quem se diz, nem da situação em que se diz, nem dos propósitos com que se diz.

A linguagem como instrumento de comunicação é vista como um código, como um conjunto de signos linguísticos combinados segundo regras e capazes de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor. Para assegurar a comunicação, os falantes devem dominar um código comum, uma língua. Nesta perspectiva, a língua é considerada como ato social, que envolve pelo menos duas pessoas.

A linguagem como forma ou processo de interação é a concepção mais aceita na contemporaneidade. Considera que o indivíduo, ao usar a língua, não faz apenas traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outro, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa. Ela produz efeitos de sentido entre os interlocutores, numa dada situação de comunicação e num contexto sócio-histórico e ideológico determinado. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais. A linguagem é caracterizada pelo diálogo em sentido amplo.

O ponto de partida e a necessidade de discutir e definir a concepção de linguagem mais adequada à produção do material impresso do Sistema EaD-UNITINS exigem que se aprofunde mais essa concepção de linguagem como interação social.

2 – A interação pela linguagem

Todo signo é ideológico. A ideologia reflete e refrata as estruturas sociais de uma determinada sociedade. Qualquer alteração nessas estruturas modifica a língua. Essa mudança revela uma influência recíproca que ocorre entre os interlocutores do discurso.

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



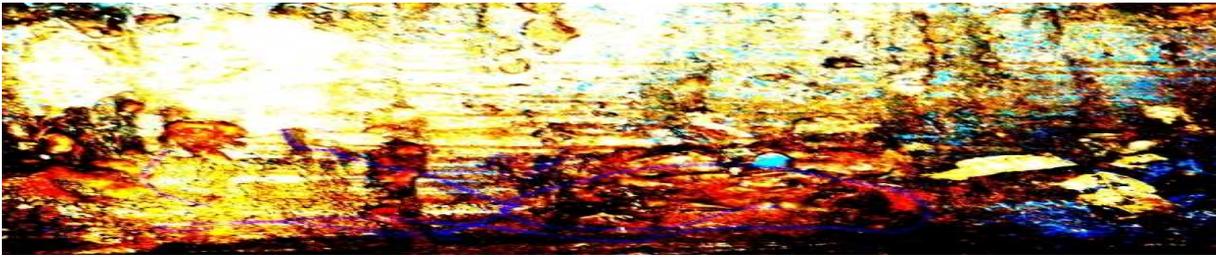
O social, de acordo Vygotsky (1984) e Bakhtin (2000), tem papel relevante e fundamental na constituição do sujeito e da linguagem. A construção da linguagem, para Vygotsky (1984), se dá no social e é apropriada pelo sujeito por meio das interações, espaço privilegiado de trocas. O pensamento, para ele, está intimamente vinculado à linguagem e se desenvolve a partir de instrumentos linguísticos (marcas ou pistas linguísticas) e pela experiência sócio-cultural do falante. O sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se internalizam os saberes, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência.

As concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico, para Vygotsky (*apud* Zacharias, 2006), fundamentam-se na ideia de *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, por meio de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, como acontece no construtivismo e, sim, pela mediação feita por outros sujeitos. O outro social pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

Bakhtin (2000) trabalha na mesma perspectiva de Vygotsky. Ambos consideram a linguagem condição fundante do processo de conhecimento do mundo e entendem que a constituição dos sujeitos se dá nas interações sociais: sujeito e linguagem constituem-se mutuamente. A forma como a palavra é entendida, segundo Bakhtin (2000), está intimamente ligada à maneira como cada um a compreende. Essa concepção resulta das histórias de vida, cosmovisão e dos modos como as palavras foram e são utilizadas no passado e no presente.

O signo, segundo ele, é social e ideológico e se constitui na trama social na e pela ideologia. Por seu caráter sócio-ideológico, encontra-se em constante mudança, operada pelas transformações da sociedade e das ideologias. O signo se transforma e, conseqüentemente, transforma a linguagem. Cada signo é específico de algum campo da criação ideológica.

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



A palavra serve a valores ideológicos. Uma palavra não é apenas uma palavra, mas arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios. No discurso verbal, estão presentes, na palavra, além dos conflitos, as relações de dominação, de adaptação ou resistência à hierarquia, transgressão ou submissão ao poder. Para Vigotsky, a consciência e a subjetividade são constituídas por meio da palavra. A palavra, na leitura de Bakhtin, é o espaço privilegiado da criação ideológica.

A alternância dos sujeitos falantes é discutida por Bakhtin. Ele assegura que o lugar do locutor e do interlocutor, na situação de fala, vai sendo intercalado, possibilitando que a enunciação se estabeleça, já que a palavra é concedida ora a um ora a outro. O termo enunciação, neste estudo, é entendido como o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Benveniste (*apud* FAVERO, 2005, p. 32) define o ato da enunciação como aquele que produz o enunciado, ou seja, é a mobilização individual da língua pelo locutor, o que determina os caracteres linguísticos da enunciação.

É na relação dialética entre locutor e interlocutor que se dá a interação dos falantes por meio das palavras tanto de um quanto do outro, de modo que as palavras do interlocutor se tornam as do locutor. Essas palavras aos poucos vão sendo desfeitas. No momento da interação, o locutor pode se esquecer de quem as disse e/ou pode ir se apropriando delas, fazendo disso uma orquestra de muitas vozes, discordando ou concordando do que fora dito. Nesse momento, as palavras confrontam-se numa espécie de arena e substituem, assim, as lutas sociais pelos conflitos ideológicos. O centro deste acontecimento não está no locutor e nem no interlocutor, mas na relação entre ambos, na enunciação dialógica.

Qualquer ato de linguagem, desde que se objetive o seu uso efetivo, é interacionista, intersubjetivo. O texto, material impresso, ganha valor quando está inserido num real processo de interlocução. Isto é, só faz sentido quando o que o locutor escreve e toda a sua intencionalidade argumentativa estão direcionadas ao outro. O aluno só pode tornar-se sujeito do que diz num quadro efetivo de interação linguística.

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



3 - A linguagem do material impresso do Sistema EaD/UNITINS.

Os cursos de EaD caracterizam-se pela não-presencialidade do professor e do aluno. Esse fato exige dos estudantes um amadurecimento e uma vivência maior com a linguagem. A escrita dos textos endereçados a esses estudantes demandará, portanto, do produtor do texto, uma capacidade de sair de seu lugar de autor empírico e ocupar o lugar do leitor-empírico do texto - lugar esse que será ocupado pelos futuros alunos. A construção das estratégias de escrita não é uma atividade simples: os produtores dos textos deverão mostrar-se capazes de fazer com que aquilo que eles “querem” dizer seja, realmente, o que está dito. Assegurar esse resultado significa que, de fato, se deu uma relação interacionista-dialógica entre os interlocutores.

Quem é o meu leitor? Como ocupar o lugar desse leitor-empírico do qual desconheço tudo? Como fazer o exercício de desprender-me do leitor presencial, com o qual a convivência é bastante pacífica, e estabelecer o lugar desse outro leitor que, de alguma forma, precisará construir, na leitura, sentidos próximos aos que construo na escrita? Essas são as primeiras questões que o produtor de texto do Sistema EaD-UNITINS deve colocar-se.

Não há uma resposta pronta para essas questões. Existem, no entanto, algumas estratégias a serem consideradas e que poderão minimizar o nível de “interferência” entre a leitura construída pelo autor do texto e a leitura construída pelo estudante do Sistema EaD-UNITINS. Ao pensar na interação entre locutor e interlocutor como leitura que se constrói, o locutor deve considerar até que ponto ele e o leitor possuem um mesmo nível de conhecimento de mundo. Cada indivíduo possui referências particulares para determinadas situações. Há, porém, uma parcela de informações que faz parte do acervo comum de uma comunidade, de um povo. Considerar essa parcela, no momento de construir os textos, pode se revelar bastante eficaz no ato de comunicação. A isso se denomina conhecimento de mundo.

Se o item anterior orienta o locutor a pensar no acervo comum de informações, aqui, ele deverá considerar o fato de que entre quem escreve e quem lê (principalmente pelo fato de que, no Sistema EaD-UNITINS, o texto tem um endereço certo), há, ou deveria haver, uma série de conhecimentos que fossem partilhados. Isso fará com que, no momento da escrita, o autor evite

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



informações desnecessárias, além de dar um enfoque maior ao que é considerado como informação nova. Isso não é senão conhecimento partilhado

Esses dois itens resumem as principais habilidades e competências desejáveis aos autores de textos do Sistema EaD-UNITINS. Aí estão implicadas as questões referentes à competência linguística - qual é o nível de conhecimento da língua na qual escrevo?; competência temática - qual é o nível de conhecimento sobre o tema?; aspectos ligados às considerações sobre o interlocutor - até que ponto meu interlocutor é outro e não apenas um outro eu?

Escrever para EaD demanda do produtor do texto, entre outras habilidades, a capacidade de fazer um exercício de humildade e de reaprendizagem; olhar para o conhecimento que se possui sobre determinada disciplina com um olhar novo de descoberta. A partir desse olhar, que ele seja capaz de “traduzir” seu conhecimento de forma a tornar-se sujeito da interação e não apenas mero repetidor de “verdades” estabelecidas e consolidadas ao longo dos anos de estudo.

A linguagem do Sistema EaD-UNITINS não pode ser concebida como instrumento de informação, mas de conhecimento, interação pela linguagem. Não se trata mais de transmitir, mas de construir ou reconstruir; não se trata mais de pôr no centro o professor e, sim, o aluno.

As novas propostas educativas da EaD dão ênfase à *autogestão da aprendizagem*, em que o aluno é o *agente do processo*. Uma das principais mediações entre a instituição educacional e o aluno é o material didático. Dentre as alternativas de material didático oferecido pelo Sistema EaD-UNITINS, destaca-se o material impresso por ter um maior alcance e chegar já pronto às mãos do aluno. Escrever para EaD coloca diante dos autores um desafio: reaprender a construir conhecimentos e posturas. É uma oportunidade: tornar-se sujeito do conhecimento a partir do instante em que esses autores levam sua voz para o diálogo que constrói a rede de saberes.

Motivar a construção de novos conhecimentos; aguçar o interesse e a curiosidade; estimular o pensamento; seduzir o aluno pela linguagem, por meio de marcas e pistas linguísticas, associando os saberes com que está trabalhando à sua realidade cotidiana são especificidades sociointeracionista e linguística da linguagem do Sistema EaD/UNITINS. Essa linguagem deve, portanto, ser clara, simples, direta, dialógica e coloquial (uso frequente de interrogações, do

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires

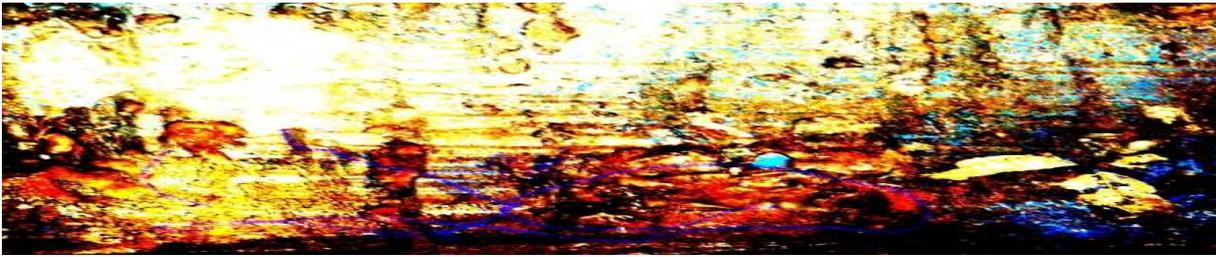


pronome “você”), íntima, informal, concisa, séria sem ser solene, precisa sem ser técnica, mas sempre seguida de abundantes e satisfatórias explicações, breve na construção de frases e parágrafos. Em EaD, a linguagem deve conduzir o aluno à reflexão, à resolução de problemas, ao questionamento crítico, para que encontre respostas às questões que lhe são colocadas e possa construir posicionamentos pessoais.

É preciso levar em consideração, também, a linguagem gráfica utilizada no material impresso, como forma de interagir no processo do auto-conhecimento. É, pois, um aspecto fundamental para que o texto se torne agradável, interessante, uma vez que o aluno possa realizar, por meio de tabelas, gráficos, imagens, uma relação entre a linguagem verbal e não verbal. As figuras devem ter um apelo intelectual, emocional ou os dois ao mesmo tempo e têm diversas funções: a) Decoração: simplesmente para fazer sair da monotonia. Qualquer espécie de pintura serve de pausa para os leitores; b) Divertimento: em particular, os *cartoons* podem motivar, na medida em que humanizam o assunto, além de trazerem humor; c) Expressão: fotografias, *fac-similes* de velhos documentos podem ser usados para expressar a “atualidade” de uma ocasião histórica; d) Persuasão: muitas vezes, a figura pode ser usada não simplesmente para expressar ou provocar um sentimento, mas também para persuadir o leitor a mudar de atitude; e) Ilustração: é uma forma maior de decoração. Envolve um aspecto do texto que não necessita absolutamente de uma descrição figurativa; f) Descrição: compreende o que não pode ser expresso por palavras; g) Explicação: algumas figuras fazem mais do que descrever o que são as coisas. Essa explicação visual é, frequentemente, necessária para ensinar uma tarefa física, como, por exemplo, tocar guitarra; h) Simplificação: as figuras dão um sentido mais simples à realidade; i) Quantificação: muitas pessoas têm problemas com números. A figura ajuda quando se trata de considerar quantidades, comparar tamanhos, reconhecer proporções.

Para Koch (2004, p.22), o texto é uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos. Trata-se de uma atividade intencional - que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



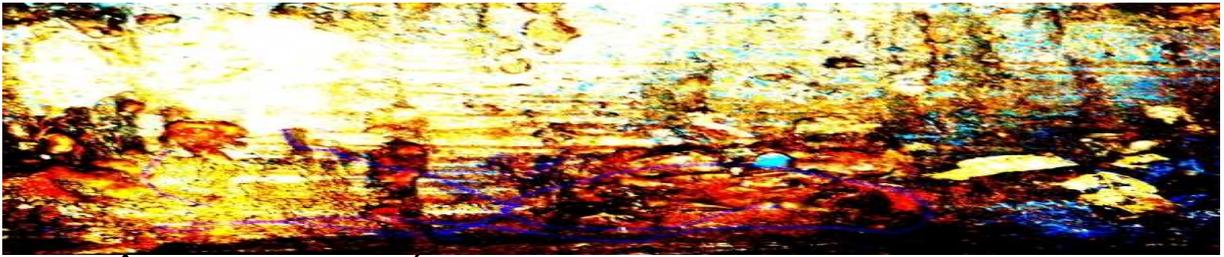
ao destinatário, por meio da manifestação verbal; e de uma atividade interacional - visto que os interlocutores, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

A noção de texto proposta pelo Sistema EaD-UNITINS é uma atividade verbal que busca fins sociais: sociabilidade, construção do conhecimento, mudança de atitude em face do mundo. Ao elaborar o material impresso, o autor não pode prever com exatidão quais sejam os conhecimentos prévios que concorrem para a contextualização e, conseqüentemente, a compreensão dos enunciados por parte de seus leitores. O texto, portanto, deve ser exaustivamente auto-explicativo: conter em si todos os elementos necessários e suficientes para que, sem a ajuda de outrem, o aluno do Sistema EaD-UNITINS possa entendê-lo e possa realizar as atividades propostas. Qualquer ato de linguagem, desde que se objetive o seu uso efetivo, é interacionista e intersubjetivo. O professor, do Sistema EaD-UNITINS, é um *design* do conhecimento. O aluno, o sujeito ativo da aprendizagem. Uma das formas de interação professor/aluno é o material impresso, que favorece a construção interativa do conhecimento.

De acordo com Ebert (2003, p.89), o material didático no ensino EaD tem por objetivos: formar um indivíduo autônomo, independente, crítico, criativo, inovador, colaborativo; maximizar a interação entre o aluno e o professor de forma síncrona ou assíncrona; possibilitar o domínio dos conteúdos necessários à formação do aluno; centrar a atenção no indivíduo, preparando-o para o trabalho e facilitando o desenvolvimento de competências.

Instrumento de auto-aprendizagem, o texto na educação a distância tem como foco o aluno, provocando-o o tempo todo. O professor, por meio do material impresso, atua como mediador, facilitador, isto é, aquele que estabelece uma rede de comunicação e aprendizagem para a auto-gestão do conhecimento do aluno. Em virtude disso, optar conscientemente por uma concepção de linguagem é um pré-requisito indispensável na produção dos Cadernos de Conteúdos e Atividades do Sistema EaD-UNITINS. A linguagem como forma ou processo de interação, pela sua dialogicidade, é a mais adequada ao processo de autoconstrução do conhecimento nessa modalidade de ensino.

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (2000). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- DUCROT, Oswald. (1977). *Dizer e não dizer*. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.
- EBERT, Cristiane Cardoso Rocio (2003). O Ensino semi-presencial como resposta às crescentes necessidades de educação permanente – In *Revista Educar*, p. 89, nº 21, Paraná, Ed. UFPR.
- FAVERO, Leonor Lopes (2005). *Linguística textual: introdução*. 7.ed. São Paulo, Cortez.
- _____ (2002). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1999). *A coerência textual*. 9 ed. São Paulo, Contexto.
- _____ (2004). *A inter-Ação pela linguagem*. 5.ed. São Paulo, Contexto.
- _____ (1998). *O Texto e a construção dos sentidos*. 2.ed. São Paulo, Contexto.
- _____ (2002). *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de (2002). *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning.
- SEVERINO, Antônio Joaquim (2002). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, Cortez.
- VYGOTSKY, L.S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1988). *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, Ícone.
- Zacharias, Vera Lúcia Camara F. (2006). *Vygotsky e educação*. Disponível em <<http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>> Acesso em março.

Eli Pereira da Silva
Geraldo Gomes da Silva
Karylleila dos Santos Andrade
Kyldes Batista Vicente
Maria Lourdes F. G. Aires